

## “E NINGUÉM VAI TIRAR A LIBRAS DE MIM”: UMA ANÁLISE DE POEMA DE AUTORIA SURDA

“AND NO ONE WILL TAKE THE POUNDS FROM ME”: ANALYSIS OF THE POEM “O SYSTEM” BY DEAF AUTHOR EDVALDO SANTOS

Natália de Almeida Simeão Vilanova<sup>1</sup>

Universidade Federal do Piauí - UFPI

### RESUMO

O artigo em tela objetiva analisar como o preconceito linguístico é retratado no poema *O Sistema*, do performer surdo Edvaldo Santos, a fim de refletir sobre aspectos da realidade social do povo surdo, uma vez que o poema possibilita aos leitores, surdos ou ouvintes, discussões em torno da problemática presente nas questões sociais que permeiam essa realidade, como: preconceito, discriminação, violência, dentre outros temas. Dialogamos com os conceitos de Rasura e Heterotopia, abordados por Derrida (1973) e Foucault (1967), respectivamente. Esses conceitos abrangem diferentes aspectos da esfera espacial no campo literário, incluindo sua composição simbólica, as relações que estabelece com a cultura e a sociedade, sua dimensão afetiva, as projeções de sentido e as formações discursivas. Metodologicamente, a pesquisa foi construída a partir da análise de um poema sinalizado e divulgado pelo autor, por meio de mídia eletrônica, em vídeo no *YouTube* e no *Instagram*. A interpretação para a língua portuguesa foi realizada através de legenda contida no próprio vídeo. Aborda-se, então, a importância de conhecer o poema de Edvaldo Santos considerando seu papel fundamental para a valorização da língua de sinais e da identidade surda. Além disso, sua produção contribui para a ampliação do debate sobre literatura surda e o fortalecimento dos sujeitos surdos na luta pelo respeito à sua cultura.

**Palavras-chave:** Literatura Surda; Poema; Autor Surdo; Heterotopia; Rasura.

### ABSTRACT

This article aims to analyze how linguistic prejudice is portrayed in the poem "The System" by deaf performer Edvaldo Santos. It aims to reflect on aspects of the social reality of deaf people. The poem allows readers, whether deaf or hearing, to discuss the problems inherent in social issues that permeate this reality, such as prejudice, discrimination, violence, and other topics. We engage with the concepts of erasure and heterotopia, discussed by Derrida (1973) and Foucault (1967), respectively. These concepts encompass different aspects of the spatial sphere in the literary field, including its symbolic composition, the relationships it establishes with culture and society, its affective dimension, projections of meaning, and discursive formations. Methodologically, the research was constructed based on the analysis of a poem signed and disseminated by the author through electronic media, such as a video on YouTube and Instagram. Interpretation into Portuguese was provided using subtitles within the video itself. The article then addresses the importance of understanding Edvaldo Santos' poem, considering its fundamental role in

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora da Universidade Federal do Piauí. Membro do Grupo de Pesquisa em Teorias do Espaço Ficcional, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL/UFPI), Teresina, Piauí, Brasil. Endereço para correspondência: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, CEP 64049-550, Teresina - PI. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0002-5623-129X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5404122927715045>. E-mail: [nataliasimeao@ufpi.edu.br](mailto:nataliasimeao@ufpi.edu.br).

promoting sign language and deaf identity. Furthermore, his work contributes to expanding the debate on deaf literature and empowering deaf individuals in the fight for respect for their culture.

**Keywords:** Deaf Literature; Poem; Deaf Author; Heterotopia; Erasure.

## RESUMEN

Este artículo analiza cómo se representa el prejuicio lingüístico en el poema "El Sistema" del artista sordo Edvaldo Santos. Busca reflexionar sobre aspectos de la realidad social de las personas sordas. El poema permite a los lectores, sordos u oyentes, dialogar sobre los problemas inherentes a las problemáticas sociales que permean esta realidad, como el prejuicio, la discriminación, la violencia y otros temas. Se abordan los conceptos de borrado y heterotopía, abordados por Derrida (1973) y Foucault (1967), respectivamente. Estos conceptos abarcan diferentes aspectos de la esfera espacial en el campo literario, incluyendo su composición simbólica, las relaciones que establece con la cultura y la sociedad, su dimensión afectiva, las proyecciones de significado y las formaciones discursivas. Metodológicamente, la investigación se basó en el análisis de un poema firmado y difundido por el autor a través de medios electrónicos, como un video en YouTube e Instagram. Se proporcionó interpretación al portugués mediante subtítulos en el propio video. El artículo aborda la importancia de comprender el poema de Edvaldo Santos, considerando su papel fundamental en la promoción de la lengua de señas y la identidad sorda. Además, su trabajo contribuye a ampliar el debate sobre la literatura sorda y a empoderar a las personas sordas en la lucha por el respeto a su cultura.

**Keywords:** Literatura sorda; poema; autor sordo; heterotopía; borrado.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Conhecida por muitos como “arte das palavras”, o conceito de literatura, a princípio, parece estar diretamente relacionado a uma faculdade comunicativa, elemento necessário para que as pessoas construam e mantenham seus relacionamentos. Nesse sentido, o conceito de literatura foi sendo ampliado ao longo do tempo, considerando sua subjetividade e procurando abarcar vários aspectos e significados da cultura letrada. Contudo, em relação à literatura surda, necessitamos de mais informações. Acerca dessa questão, Quadros (2019, p. 119) diz que “os surdos que produzem literatura podem inventar sinais, usar novas formas de fazer trocadilhos com as configurações de mãos, assim como explorar o espaço de diferentes formas e produzir os sinais com velocidades diferenciadas, causando impacto estético peculiar às línguas de sinais”.

No que se refere às poesias de autoria surda exploradas na literatura, estas têm ocupado um lugar bastante representativo nas produções dos surdos brasileiros. Ainda segundo a mesma autora, a referida poesia “ocupa espaços na educação básica junto às crianças surdas, assim como nas dissertações e teses de doutorado produzidas no país” (Quadros, 2019, p. 125). Pensando em tais questões, compreendemos a importância de uma reflexão mais apurada em torno das produções poéticas dos autores surdos, pois os poemas ainda se encontram, em sua maioria, no campo do desconhecido e, por isso, precisam ganhar notoriedade e, principalmente, merecem mais espaço nas discussões e análises acadêmicas.

Nesse sentido, o presente artigo investiga como o preconceito linguístico é retratado no poema *O Sistema*, do poeta surdo Edvaldo Santos. E como problemática foi pensado o seguinte questionamento: Como o preconceito linguístico é retratado no poema *O Sistema*?

Para o percurso metodológico, o documento escolhido para a análise foi o poema mencionado, que está disponibilizado em formato de vídeo, através de canais como: *Youtube*, *Instagram* e outros. Vale ressaltar que utilizaremos as traduções das legendas presentes no vídeo a fim de obter os dados para a realização da análise.

Tendo em vista essa realidade, entendemos que é importante falar da originalidade deste estudo, uma vez que discute os poemas de um autor surdo, tema ainda pouco explorado nas pesquisas atuais. Tal fato inspira investigar e buscar estudos teóricos que instiguem nossa reflexão a esse respeito.

## **O POEMA O SISTEMA ENTRE RASURA E HETEROTOPIA**

A análise dos poemas tomou os conceitos de rasura (proposto por Jacques Derrida) e heterotopia (proposto por Michel Foucault<sup>2</sup>) como operadores teóricos. Nos estudos de Derrida (1973), o conceito de rasura funciona como uma estratégia para desestabilizar as oposições binárias e hierarquias presentes na linguagem e no pensamento. Ele argumenta que a linguagem e os sistemas de significado estão permeados por contradições e diferenças internas, e que qualquer tentativa de estabelecer uma definição fixa e única é problemática. Para o autor, a rasura é uma ferramenta conceitual que destaca as contradições, ambiguidades e instabilidades presentes nas estruturas de significado. Ela não apaga completamente o que está sendo rasurado, mas mantém uma presença residual que sugere a coexistência de sentidos conflitantes ou incompletos.

Para Jacques Derrida, a rasura é um conceito central em sua obra *Gramatologia* (1973), que "espalha pelo mundo os signos de sua liberação por meio de esforços decisivos" (Derrida, 1973, p. 4), integrando sua teoria da desconstrução, que desafia as noções tradicionais de significado fixo e estabilidade textual. O autor descreve a rasura como o ato de apagar ou riscar algo no texto, mas sem eliminá-lo completamente. Esse processo deixa um vestígio, uma marca que persiste e continua a influenciar o significado do texto. A rasura, portanto, reflete a natureza instável e dinâmica da escrita e da linguagem. Derrida argumenta que, longe de ser um sistema transparente e neutro, a linguagem é permeada por ambiguidades, contradições e camadas de

---

<sup>2</sup> O filósofo também criou o conceito de resistência. Cabe ressaltar que, embora o conceito não seja explorado da mesma forma que o conceito de heterotopia, em alguns momentos da discussão ele aparecerá para reforçar a ideia de resistência surda, por sua luta em defesa da cultura, da identidade e da língua.

sentido. O conceito funciona como um gesto crítico que revela as fissuras nas ideias de presença, autoridade e totalidade. Em vez de reforçar uma verdade estática ou definitiva, ela expõe a natureza fragmentada e fluida do significado. Esse ato de rasurar desestabiliza as hierarquias e os sistemas de pensamento que pretendem ser completos ou universais, questionando a centralidade e a fixidez desses conceitos.

No pensamento derridiano, a rasura não é apenas uma negação, mas um convite à reflexão sobre o que foi excluído ou marginalizado nos processos de construção de sentido. Ao expor as tensões e lacunas, ela desafia as estruturas tradicionais e abre espaço para múltiplas interpretações, evidenciando que o significado está sempre em processo, nunca encerrado. A rasura é “uma prática que revela a natureza contingente e instável dos significados, abrindo espaço para múltiplas interpretações e deslocando as hierarquias e certezas estabelecidas” (Ferreira, 2017, p. 51). Ao invés de buscar uma interpretação definitiva, a rasura enfatiza a multiplicidade de vozes e perspectivas.

Ao manter simultaneamente a presença e a ausência de um elemento, a rasura sublinha a instabilidade inerente à linguagem e ao discurso, demonstrando que o sentido nunca é absoluto, mas está sempre em movimento, em um estado de diferenciação e revisão contínua.

Além disso, a rasura promove uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder e autoridade que sustentam o discurso. Ela expõe como essas estruturas buscam impor significados estáveis e totalizantes, ao mesmo tempo em que revela suas falhas, tensões e exclusões. Nesse sentido, a rasura atua como um gesto subversivo, desafiando as hierarquias e os pressupostos que sustentam os sistemas de poder, já que abre espaço para novas formas de interpretação e pensamento.

O conceito, portanto, não se limita a uma prática textual, mas se estende como uma ferramenta crítica que questiona a própria construção do sentido e as forças que moldam a linguagem e o discurso. Ele nos convida a enxergar o significado como um processo dinâmico, onde múltiplas possibilidades coexistem, resistindo à imposição de um único sentido ou verdade. “Esta prática é ainda particularmente rica como objeto de estudo, uma vez que a rasura atua como espaço de mediação entre presença e ausência, visibilidade e invisibilidade, memória e esquecimento, excesso e carência, sinalização e ocultação, criação e destruição” (Ferreira, 2017, p. 3).

Podemos dizer que é neste espaço ambíguo que se confere a ideia de rasura e sua capacidade de criar múltiplos significados, onde a poesia surda, por exemplo, ao se apresentar utilizando uma língua sem “som”, torna-se também esse ambiente social ambíguo e reconfigura a

língua de sinais, atribuindo-lhe um novo valor. Além disso, cria novas relações de significados e faz com que a população ouvinte ainda olhe com bastante estranheza o fato de uma língua conseguir comunicar conceitos também através de sinais. Enquanto isso, as pessoas surdas recriam esses universos semânticos e simbólicos através da arte e dos poemas dos autores surdos, e isso impacta sobremaneira os que não são Surdos, causando de fato uma rasura. O conceito de rasura é aqui entendido não apenas como um processo de alteração ou apagamento, mas como uma estratégia transformadora e crítica. Ele permite reconfigurar significados e questionar estruturas previamente estabelecidas, atribuindo novos conceitos a um objeto ou prática cultural.

Na poesia surda, a rasura se manifesta como uma ferramenta que desestabiliza opiniões hierárquicas e preconcebidas sobre o que constitui literatura, arte ou poesia. Ao confrontar modelos tradicionais baseados na escrita alfabética, a poesia surda, marcada pela visualidade, a espacialidade e o movimento corporal, promove uma reavaliação do que é legitimado como manifestação literária. A rasura, nesse contexto, não elimina totalmente as referências à literatura convencional, mas altera suas bases, destacando a necessidade de se repensarem conceitos como texto, autor e público.

Ao aplicar o conceito de rasura, esta pesquisa evidencia de que modo a poesia surda opera como um campo de transformação e resistência. Ela não apenas desafia a exclusão histórica da comunidade surda, mas também redefine o espaço da poesia contemporânea, mostrando que novas formas de expressão podem coexistir e enriquecer a literatura. Dessa forma, a rasura atua como uma lente teórica e prática para compreender a poesia surda enquanto um movimento que, ao mesmo tempo em que desconstrói estruturas fixas, abre caminho para a construção de novos significados e horizontes artísticos.

Outro conceito de que tratamos aqui é o de heterotopia, de Foucault (1967). Em “De outros espaços”, o autor reforça que as heterotopias são espaços que abrigam múltiplas camadas de significação e que frequentemente desempenham funções específicas ou paradoxais em relação ao espaço social dominante. O texto foi proferido em uma conferência no Cercle d’Études Architecturales, em 14 de março de 1967 (publicado igualmente em *Architecture, Movement, Continuité*, 5, de 1984). O vocábulo heterotopia significa “espaços outros”, por isso o teórico busca resgatar, a partir desse termo, os espaços onde se exerciam relações de poder, como: escola, prisões e até mesmo o corpo. As heterotopias funcionam como espaços de resistência e subversão, desafiando as normas e hierarquias estabelecidas na sociedade. Elas oferecem uma perspectiva alternativa do mundo e permitem a experimentação de novas formas de ser e de se relacionar.

Esses lugares, ao mesmo tempo em que refletem a sociedade, também a subvertem ou contradizem, funcionando como uma espécie de "contra-espço". Heterotopias podem ser interpretadas também como espaços de transgressão, resistência ou refúgio, onde normas e convenções do espaço dominante são questionadas ou reconfiguradas. Elas frequentemente carregam uma ambiguidade, pois tanto pertencem à ordem estabelecida como operam fora dela, evidenciando as tensões e contradições da sociedade que as circunscreve.

Com o intuito de elucidar o conceito de heterotopia, Foucault (1967) estabelece uma comparação direta com a sociedade utópica, que é a representação de um mundo ideal ainda não concretizado. Em contrapartida, as heterotopias são espaços alternativos factuais, camuflados no seio da sociedade. De acordo com a classificação proposta por Foucault, elas podem ser de crise (destinadas a indivíduos que estão em estado de crise, adotando um comportamento socialmente inapropriado, como motéis e casas de jogos), de desvio (instituições onde são internados indivíduos cujo comportamento é indesejado, como hospitais psiquiátricos, asilos e prisões), de purificação (espaços isolados usados para o indivíduo se purificar de seus problemas, como templos religiosos e saunas), de ilusão (objetos e espaços reais que criam falsas representações, como espelhos e livros), de compensação (lugares que simulam e se relacionam com as condições de outro lugar, como zoológicos, colônias e enclaves) e temporais (espaços que vivem fora do tempo, porque foram planejados para não se deteriorarem, como os museus).

Dentro do contexto desta pesquisa, as heterotopias de crise e de compensação desempenham um papel fundamental. No que diz respeito à primeira, podemos explorar sobre como os espaços reservados para pessoas surdas, especialmente em momentos de transição ou exclusão social, desempenharam o papel de acolher e mediar suas experiências de crise ou diferença em relação às normas dominantes da sociedade ouvinte. Esses espaços tradicionalmente acolhem pessoas que, devido a condições como idade, gênero ou estado físico, são consideradas em situações fora do padrão esperado pela sociedade. “Nas ditas sociedades primitivas, há um tipo de heterotopia que eu chamaria de heterotopia de crise, lugares privilegiados ou sagrados ou proibidos, reservados a indivíduos que estão, em relação à sociedade e ao ambiente humano que ocupam, numa situação de crise: adolescentes, mulheres menstruadas ou grávidas, idosos, etc.” (Foucault, 1967, p. 4). Eles servem como lugares de exclusão temporária ou proteção, onde os indivíduos podem atravessar essas crises de forma separada do restante da comunidade.

A heterotopia de crise aplicada aos surdos nos permite entender como a sociedade criou (ou negligenciou criar) espaços específicos para acolher essa comunidade em momentos de

transição ou exclusão. Esses espaços não apenas atendem às necessidades imediatas dos surdos, mas também refletem as tensões entre inclusão e marginalização que moldaram suas experiências históricas e culturais. Em relação à segunda, heterotopia de compensação, Foucault ressalta que:

têm também uma função específica ligada ao espaço que sobra. Mais uma vez, uma função que se desdobra em dois pólos extremos. O seu papel será ou o de criar um espaço ilusório que espelha todos os outros espaços reais, todos os sítios em que a vida é repartida, e expondo-os como ainda mais ilusórios (parece-me ter sido esse o papel desenvolvido pelos famosos bordéis dos quais fomos privados). Ou então o de criar um espaço outro, real, tão perfeito, metucioso e organizado em desconformidade com os nossos espaços desarrumados e mal construídos. Este último tipo de heterotopia seria não de ilusão, mas de compensação (Foucault, 1967, p. 7).

Assim, compreendemos que elas são espaços que se opõem ou corrigem as realidades do mundo social dominante. Esse conceito se refere a lugares que criam um ambiente idealizado, organizado ou utópico, em contraste com as imperfeições, desordens ou limitações do espaço cotidiano. Esses ambientes idealizados fornecem refúgios simbólicos, promovem reflexões sobre as limitações do espaço social vigente e abrem possibilidades para a criação de novas realidades. Eles se tornam espaços de ressignificação, onde regras podem ser reescritas, hierarquias desafiadas e novas perspectivas desenvolvidas, funcionando como ferramentas de resistência e transformação cultural.

A heterotopia de compensação, no contexto da surdez, pode ser entendida como espaços que procuram corrigir ou reimaginar as limitações impostas pelo mundo ouvinte à comunidade surda. Esses lugares não apenas funcionam como ambientes que compensam a exclusão social, cultural e comunicacional vivida pelos surdos, mas também criam uma realidade idealizada onde a Língua de Sinais, a cultura surda e suas práticas são plenamente valorizadas.

## **PRECONCEITOS EM RELAÇÃO À LÍNGUA DE SINAIS E A CULTURA SURDA**

O preconceito linguístico é uma das formas mais sutis e perversas de exclusão. Em geral, isso ocorre porque os estigmas provocados por esse preconceito surgem de forma mascarada. Sejam nas brincadeiras ou comentários, ele aparece e afeta a autoestima e o emocional dos sujeitos (Bagno, 2008). Acontece exatamente o mesmo com as pessoas surdas, que constantemente são alvo de críticas e piadas maldosas em relação à sua língua e à sua cultura. Depois, elas também são impedidas de estabelecer comunicação, seja entre familiares, amigos ou em órgãos públicos, quando necessitam de atendimento, o que acaba interferindo no seu direito linguístico.

A partir dessa concepção, é possível afirmar que a resistência e a luta dos Surdos às imposições linguísticas ouvintistas remontam a um tempo longínquo em que ainda era comum a ideia de que a língua oral exercia certa supremacia em relação à língua de sinais, conforme podemos observar na citação abaixo:

[...] nesse contexto, os ouvintes tendem a se posicionar como superiores mediante a imposição de sua cultura e de sua língua aos surdos [...] no século XIX, o Congresso de Milão<sup>3</sup>, ocorrido no ano de 1880, representou um triste episódio na educação dos Surdos ao legitimar o oralismo. Este evento foi o marco responsável por cristalizar a supremacia do ouvir e do falar” (Leite e Cabral, 2021, p. 426 - 428).

Nessa direção, não é difícil prever que a condição de privilégio do ouvintismo<sup>4</sup> se legitima e se instaura dando lugar a uma história de preconceito à língua de sinais. É preciso, pois, deslegitimar o privilégio imposto pelo ouvintismo, pois as populações surdas não podem mais padecer dessas opressões impostas pelos ouvintes ou, pelo menos, por uma maioria deles, em relação à sua forma de se expressar. “O reconhecimento que os Surdos têm hoje é resultado de muitas lutas pela afirmação da sua identidade, da sua língua, da sua cultura, dentre outros aspectos pautados em sua diferença linguística” (Leite e Cabral, 2021, p. 429).

Importa realçar que, como resultado, os Surdos iniciaram os primeiros passos em direção à defesa da língua de sinais e da cultura Surda, provocando, assim, uma desestabilização da ordem constituída e rasurando o espaço social, pois, ao invés de uma língua, a sociedade passa a ter duas. Essa dupla possibilidade linguística, dentro de um mesmo espaço, leva-nos a crer que o povo Surdo não apenas rasura a ordem, mas também cria uma experiência heterotópica, que na esteira de Foucault, possibilita pensar o espaço de outros modos, ou seja, “criar espaços para a produção de heterotopias ao elaborar sua própria subjetivação, de governar a si mesmo, atitude que permite pensar o presente, provocando transformações em si mesmo e problematizando o que está instituído” (Nogueira, 2018, p. 12).

Assim, para discutir os preconceitos sobre a língua de sinais e a cultura surda, apresentaremos o poema *O sistema*, uma vez que ele expõe as imposições linguísticas que a sociedade ouvinte determina às pessoas surdas, especialmente àquelas que usam a língua de sinais.

---

<sup>3</sup> O referido Congresso instituiu a proibição da utilização dos gestos para que os surdos pudessem se comunicar.

<sup>4</sup> Segundo Skliar (1998, p. 15) é “um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte”



**Figura 1** – Edinho Poesia performando o poema “O sistema”



Fonte: SANTOS, E. *O sistema*. Suporte digital. 2020.

Para iniciar a análise deste poema, achamos pertinente compreender o significado semântico da palavra “sistema”, proposto pelo eu-lírico. Segundo o *Dicionário de Língua Portuguesa Aurélio*, há duas definições para a palavra sistema. A primeira a define como “o conjunto de elementos, concretos ou abstratos, intelectualmente organizados”. A segunda estabelece que sistema “é o conjunto das instituições econômicas, morais, políticas de uma sociedade, a que os indivíduos se subordinam”.

Nos versos iniciais “O sistema quer que eu escreva em português/ O sistema quer que eu fale em Português”, o eu-lírico denuncia a desvalorização linguística que ainda existe em torno da língua de sinais.

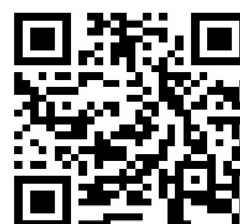
**Figura 2** – Sinalização do trecho: O sistema quer que eu escreva em português/ O sistema quer que eu fale em Português



Fonte: SANTOS, E. *O sistema*. Suporte digital. 2020

Além disso, os versos evidenciam que falar em português e expressar a oratória sempre foram aspectos considerados obrigatórios e necessários na nossa sociedade. Por isso, para o sistema, quem se comunica de forma diferente pode ser considerado um “bicho”, conforme expressa o eu-lírico no verso “O sistema não quer que eu fale em Libras/ Ele me vê tipo um bicho”.

**Figura 3** – Sinalização do trecho “O sistema não quer que eu fale em Libras/ Ele me vê tipo um bicho”



Fonte: SANTOS, E. *O sistema*. Suporte digital. 2020.

Compreendemos que o sinal “bicho” serve como uma metáfora poderosa no contexto do poema, uma vez que os animais não desenvolvem um sistema linguístico para sua comunicação. Esse fato destaca a injustiça de se rebaixar o Surdo ou a sua língua pela falta de reconhecimento oficial da Libras como um sistema linguístico pleno. Essa visão reducionista desconsidera o fato de que a Libras é uma língua completa, com gramática, estrutura e capacidades expressivas equivalentes a qualquer outro sistema linguístico.

No poema, essa crítica está conectada à luta por reconhecimento e respeito à identidade cultural e linguística dos Surdos. Ao negar ou minimizar a legitimidade da Libras, perpetua-se uma visão que desumaniza e desvaloriza a experiência do Surdo, rebaixando-o a uma condição que o coloca fora da esfera do que é considerado “normal” ou “legítimo”.

A respeito da modalidade de comunicação oral, entendida por muitos como a ideal, a professora surda Sílvia Witkoski afirma que “a naturalização desta modalidade de comunicação linguística continua a ser percebida por muitas pessoas como característica que identifica os seres humanos, distinguindo-os dos animais, classificados como irracionais” (Witkoski, 2009, p. 566). Para Sílvia, é essa referência que por longos anos, e ainda hoje, impera. A professora, mesmo não tendo passado por situação semelhante, conta que alguns amigos Surdos sofreram discriminação, uma vez que já presenciaram relatos de pessoas comparando a Libras, língua que fazem uso para a comunicação, como “coisa de macaco”, conforme cita abaixo:

segundo vivências relatadas por amigos surdos –, ao se comunicarem por meio de Libras em um ambiente ocupado predominantemente por ouvintes, seu uso é referido como “coisa de macaco”. Mesmo não tendo passado por situação explícita de discriminação como essa, ao conversar com amigos surdos pela língua de sinais percebo o preconceito em sua versão sutil: nos olhares, no quanto parecemos exóticos, sendo imensamente observados, disfarçadamente (Witkoski, 2009, p. 566).

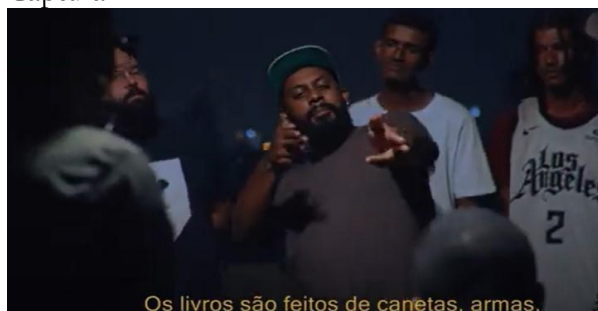
O preconceito exposto por Sílvia retrata a violência linguística experimentada por inúmeras pessoas surdas, em distintos lugares do mundo. O fato é que, ao serem percebidos apenas pelo foco da deficiência, dissemina-se a ideia de que o Surdo precisa falar igual ao ouvinte, pois do contrário será excluído da sociedade.

“Nossas sociedades ocidentais fazem da ‘deficiência’ um estigma, quer dizer, um motivo sutil de avaliação negativa da pessoa. Fala-se então de ‘deficiente’ como se em sua essência o homem fosse um ser ‘deficiente’ ao invés de ‘ter’ uma deficiência”. (Le Breton, 2007, p. 73-74). É preciso, pois, desconstruir a imagem da deficiência, bem como a de que só existe uma forma de comunicação, pois essa ideia faz parte de um discurso opressor, que não deve mais contemplar a realidade das pessoas surdas, que ainda sofrem preconceitos por não se comunicarem através da

língua majoritária. Na estrofe abaixo, o eu-lírico faz uma crítica ao sistema por considerar apenas a língua oral como única forma de comunicação:

**Figura 4** – Sinalização do trecho “Os livros são feitos de canetas, armas. Parabéns pra você que fala em Português. Parabéns pra todos vocês que falam em Português”

Captura 1



Captura 2



Fonte: SANTOS, E. *O sistema*. Suporte digital. 2020

O trecho evidencia que o eu-lírico, ao mesmo tempo em que parabeniza os falantes da língua portuguesa, utiliza esse gesto de forma irônica, para criticar a posição de superioridade conferida à língua portuguesa pelo sistema em detrimento de outras línguas, como a Libras ou outros idiomas minoritários ou marginalizados.

Essa ironia funciona como um recurso literário que expõe a desigualdade linguística promovida por sistemas que privilegiam uma única língua como padrão de prestígio, poder ou legitimidade, ignorando a riqueza, a importância e a legitimidade de outras formas de expressão. Ao "parabenizar" os falantes da língua portuguesa, o eu-lírico não apenas questiona o monopólio da língua dominante, mas também provoca uma reflexão crítica sobre as consequências dessa imposição, como a exclusão de comunidades que usam outras línguas. Logo na estrofe seguinte, ele apresenta a Libras como uma forma de comunicação possível, diferente do que prega o sistema:

**Figura 5** - Sinalização do trecho “Eu tenho quatro versos de poesia. Eu as carrego, carrego e disparo palavras bonitas. Disparo palavras bonitas. Disparo palavras bonitas. Meu verso é livre e ninguém me cancela. E ninguém vai tirar a Libras de mim”

Captura 1



Captura 2



Captura 3



Captura 4



Fonte: SANTOS, E. *O sistema*. Suporte digital. 2020

Comparada a uma arma que dispara palavras bonitas, a língua de sinais também pode disparar informações. Notamos aqui que o eu-lírico apresenta as duas línguas exatamente da mesma forma, já que ambas cumprem o mesmo papel, que é comunicar. Na passagem “Meu verso é livre e ninguém me cancela/ E ninguém vai tirar a Libras de mim”, o eu-lírico se apropria do espaço linguístico, rasurando o sistema e criando uma experiência heterotópica, na qual é possível ter a língua de sinais como forma de comunicação.

Nos tempos atuais ainda prevalece o poder linguístico ouvinte, que é a maior causa de preconceito e discriminação sobre a pessoa surda. Entendemos que o poema de Edinho nos possibilita uma reflexão profícua a esse respeito. O preconceito, dentre tantas situações de opressões ao Surdo, não pode continuar sendo permitido, e sua condição social não pode

continuar sendo negligenciada. Por isso, o espaço linguístico pode e deve ser rasurado diariamente e, nesse passo, novas heterotopias devem ser construídas.

Os Surdos, por meio de discurso sobre a sociedade ouvinte, se colocam em um lugar de notoriedade, onde a eles é possível “ter voz” e reescrever suas próprias histórias, que antes foram silenciadas e invisibilizadas. A exclusão da língua de sinais ocorre porque o espaço social impõe um padrão de língua e de sujeito a ser aceito. A língua aceita é aquela ouvida pela maioria que não é considerada pessoa com deficiência. Contudo, Edinho Poesia demonstrou, através desse poema, que a língua, seja apresentada de forma oral ou em sinais, é uma arma poderosa. Aqui, a própria Libras é a heterotopia, esse espaço de alteridade que permite o desenvolvimento salutar de experiências historicamente postas à margem pelos detentores do poder e pelos produtores do espaço social.

Enquanto heterotopia, a Libras opera na tensão entre a exclusão e a reinvenção. Em um mundo onde a norma linguística é determinada pela oralidade, a Libras cria um espaço alternativo que desafia a lógica dominante e oferece uma plataforma para vozes que historicamente foram silenciadas. Nesse espaço, os Surdos não apenas comunicam, mas também constroem narrativas próprias, expressam suas culturas e participam da criação de uma sociedade mais inclusiva.

Ao permitir a articulação de experiências e perspectivas que estavam à margem, a Libras torna-se não apenas um meio de comunicação, mas também uma ferramenta política e cultural, capaz de questionar as hierarquias estabelecidas e de reivindicar respeito e reconhecimento. É nesse sentido que ela transcende sua funcionalidade e se estabelece como um espaço heterotópico, essencial para a valorização e visibilidade da comunidade surda.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os poemas de autores surdos vêm se destacando cada vez mais no campo literário e não se pode negar o quanto ela representa para o seu povo, bem como para aqueles que se dedicam a estudar temas que envolvem a realidade daqueles que não ouvem. Assim, objetivamos neste trabalho analisar produções poéticas de Edvaldo Santos a fim de observar como estas se desenvolvem em suas performances.

Desse modo, com o intuito de instigar a reflexão sobre o tema, propomos discutir essa questão a partir da seguinte consideração: por meio do poema 'O Sistema', o autor provoca uma reflexão sobre a imposição do uso da língua portuguesa em detrimento da Língua de Sinais.

Assim, pudemos verificar, ao longo dessa discussão, que pensar sobre os problemas enfrentados pelos surdos nesta sociedade contemporânea, dentre outras questões, amplia-nos

horizontes acerca da importância dessa produção literária, pois o primeiro passo para que esse povo conquiste os seus direitos, consiste de uma reflexão coletiva que, em especial, é proposta pela literatura surda, produzida pelos próprios surdos, ao passo que evidencia questões “tabus”, que ainda estão nos mais variados discursos opressores, também instrui para que essa realidade seja modificada.

Por fim, os poemas do autor Edvaldo Santos reforçam que a realidade surda se encontra em processo de reflexão, o que se constitui em um importante passo para a mudança. Torna-se evidente que os surdos vêm conquistando espaço e, acima de tudo, respeito. Desse modo, este estudo é relevante para contribuir para que haja mais discussões, debates e análise crítica acerca do tema em questão, bem como refletir a literatura de Edvaldo Santos, produzida no contexto contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia** [Miriam Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro, tradutores] São Paulo, Perspectiva, ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.

FERREIRA, Margarida Lemos. **Entre a ausência e a presença**: o papel da rasura na transformação de significado. 2017. 116f. (Trabalho de projecto - Mestrado em Arte Multimédia), Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas Artes – Lisboa, 2017.

FOUCAULT, Michel. **De outros espaços**. Conferência proferida no Cercle d’Études Architecturales, em 14 de Março de 1967 (publicado igualmente em Architecturales, Movement, Continuité, 5, de 1984)

LEITE, L. S.; CABRAL, V. T.B. **Educação de surdos e colonialidade do poder linguístico**. Letras & Letras. Uberlândia. v.37. n. 2. jul-dez. 2021. ISSN 1981-5239. DOI: <https://doi.org/10.14393/LL63-v37n2-2021-20>

NOGUEIRA, Fernanda dos Santos. **Intérprete educacional cosmopolita**: práticas heterotópicas na relação com a comunidade surda, 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, 2018.

Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

PRIBERAM, **Dicionário**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/dist%C3%B3pico> Acesso em dezembro de 2023.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2 ed. Petrópolis – RJ: Vozes 2007.

SIMEÃO, NATÁLIA DE ALMEIDA.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**: Linguística para o ensino superior. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

SANTOS, Edvaldo. **O sistema**. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=4ylCANxeGNo>>. Acesso: 01 jun. 2023.

WITKOSKI, Sílvia Andreis. **Surdez e preconceito**: a norma da fala e o mito da leitura da palavra falada. Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 42 set./dez. 2009.

SKLIAR, C. B. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, v. 3, 1998.

***Submetido em:*** 07 de mai de 2025.

***Aprovado em:*** 16 de jun de 2025.

***Publicado em:*** 30 de ago de 2025.